

DE VOSSA MERCÊ A CÊ: CAMINHOS, PERCURSOS E TRILHAS

Clézio Roberto Gonçalves
(PUC Minas/IFMG-Ouro Preto)
cleziorob@hotmail.com

Este trabalho privilegia a história, a origem e o percurso dos pronomes *vossa mercê* e *você*, priorizando-se o percurso social das formas de tratamento, desde o latim, até hoje e o percurso gramatical dessas formas em consonância com a gramaticalização de *vossa mercê*.

Em suas investigações filológicas sobre o pronome *vossa mercê*, Said Ali (1950) conclui que a forma pronominal *você* é o resultado atual de uma evolução de raízes latinas, iniciadas com a introdução dos pronomes *tu/vós* no português, usados como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Devido à necessidade de se diferenciar na hierarquia as formas de tratamento, usava-se o *tu* na intimidade e, ao seu lado, a forma *vós* para tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de tratamento indireto que era usado para dirigir a um atributo ou qualidade eminente da pessoa e não a ela própria era a forma *vossa mercê* (entre outras) que, ao longo do tempo, tornou-se popular, sofreu transformações fonológicas e foi se simplificando, dando origem a várias formas: *vossemecê*, *vossancê* e *você*.

Amaral (1955) assegura que, a partir dos fins do século XV, registra-se, em Portugal, o uso generalizado da forma *vossa mercê* e suas variantes pela população não aristocrática, da qual eram membros os diversos contingentes de pessoas que se estabeleceram no Brasil como colonos, no início de sua ocupação, em meados do século XVI. Nesse processo, segundo ele, a forma de tratamento *vós* já se encontrava obsoleta e o processo de simplificação da forma *vossa mercê*, em estágio avançado. De maneira que o português trazido para o Brasil já viera com variantes de *vossa mercê* como formas de tratamento.

Por sua vez, Nascentes (1956, p. 116) reconhece que, no séc. XIV, *vossa mercê* ainda não chega a cristalizar-se em expressão pro-

nominal e mostra que, a partir do séc. XVIII, a *mercê* passou a ser dada aos burgueses, ou seja, às pessoas que mereciam respeito no trato, mas não possuíam senhoria.

Nascentes (*op. cit.*) aponta os seguintes estágios da mudança:

(1) *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*

Vários outros autores referem-se a esse percurso, ora subtraindo itens ora acrescentando outros novos. Um ponto comum entre eles é o reconhecimento de que há uma série de alterações fonéticas entre os itens *vossa mercê* e *você*.

Nascentes (1956, p. 114) aduz que, em Portugal, “embora *vo-cê* se empregue de igual para igual, é usado com pessoas de condição inferior e, muitas vezes, pejorativamente, para indicar que a pessoa a quem se dirige a fala não merece o tratamento de ‘senhor’”, mas indica, ainda, que a forma *você* “tem também valor afetivo”, já que também pode revelar proximidade com a pessoa com quem se fala. Segundo Nascentes (1956, p. 114-115), há um caráter dúbio no uso da locução nominal *Vossa Mercê*:

a) ora esta expressão é marcada pela noção de causa, quando expressa uma estratégia argumentativa utilizada pelos súditos que, ao solicitarem algo ao Rei, apresentavam os requerimentos utilizando o habitual pronome *vós*, pediam uma graça por *mercê* e, assim, agregavam este vocábulo ao pronome possessivo em concordância com o pronome utilizado, formando a expressão *vossa mercê*. Expressão essa “que afagava a vaidade e o amor próprio” do soberano;

b) ora é marcada pela noção de efeito, quando expressa a recompensa, denominada de *mercê* ou *mercede*, que é dada pelos reinantes aos súditos em troca dos serviços prestados.

De acordo com Nascentes (1956, p. 116), “[...] *vossa mercê* agradava todo mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio”.

Luft (1957, p. 202-203) defende que em algumas povoações de Portugal, o tratamento de *você* soa como pejorativo, é mesmo sentido por alguns, como insulto. Pessoas tratadas por esse termo podem responder ofendidas ou pelo menos chocadas. Segundo o autor, no Brasil, a forma *você* é tratamento familiar, entre iguais, colegas, ou de superior a inferior; fora disso denota desconsideração, falta e respeito ou desprezo.

De maneira mais ampla, Biderman (1972) investiga o problema das formas de tratamento, relacionando-as com as estruturas sociais nas sociedades latinas – particularmente, na Península Ibérica e na América Latina – e mostra pontos comuns existentes entre os sistemas pronominais do espanhol, do PE e do PB.

De acordo com essa autora, a forma *você* que hoje não tem, em Portugal, o uso tão generalizado quanto tem no Brasil, resultou da evolução de *vossa mercê*, que deve ter sido importada da Espanha, através das relações intensas existentes entre a sociedade portuguesa e a espanhola, quando Portugal se encontrava sob o domínio da Espanha (final do século XVI e primeira metade do século XVII). Essa forma, defende a linguista, tem a sua origem na forma *vuestra merced*, surgida na Espanha, para ocupar a lacuna deixada pelo tratamento *vós* no século XVI, e é durante tal período que essa forma sofre modificações fonéticas, resultando na forma espanhola *usted*. Esse processo de evolução foi, segundo Biderman, documentado por Pla Cárceres (1923).

Biderman diz também que, das variantes espanholas:

(2) *Vassuncê, voaced, vueded, vuaced, voazê, vuazê, vuezê*

a forma *vassuncê*, que tem característica rural na Espanha, é também encontrada na fala rural de Portugal e do Brasil. E, citando Basto (1931), a autora menciona, como formas dialetais usadas ao lado do item *você*, tanto em Portugal quanto no Brasil:

(3) *Vossemecê, vosmecê, vosmincê, vassuncê, vancê, mecê, ocê, cê*

Em se tratando do PB, diz que atualmente só há duas formas de tratamento: *você* (familiar) e *senhor* (formal), que correspondem respectivamente ao *tu* e *vous* do francês; o *tu* foi substituído pelo *você* na virada do século XIX para o século XX.

De uma maneira geral, segundo Biderman, é digna de nota a simplificação a que se procedeu no Brasil, mas não em Portugal, com relação às formas de tratamento. E a tendência brasileira, segundo ela, é para ampliar a área coberta por *você*. A discrepância entre os sistemas português e brasileiro pode ser assim explicada, até certo ponto:

A sociedade brasileira por ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. [...] a portuguesa é uma socie-

dade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades europeias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. [...] existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos [...]. A mera observação dos grandes centros brasileiros confrontados com as metrópoles portuguesas, evidenciará a disparidade (*ibidem*, p. 367-368).

Nos primeiros contatos com a sociedade portuguesa, defende a linguista, o brasileiro sofrera um forte impacto por causa do formalismo do português e em virtude da variada gama de tratamento entre os indivíduos e as classes sociais. Algumas formas de tratamento, como *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, que para nós, são estereótipos amorfos da escrita comercial e burocrática, vivem no trato humano em Portugal. Na fala brasileira aparecem raramente e apenas em situações muito formais como: discursos e defesas de tese em universidades.

Biderman (1972), discordando da maioria dos gramáticos, filólogos e etimologistas, coloca em dúvida a origem do pronome *ocê* por eles tida como uma redução fonológica do antigo pronome de tratamento *vossa mercê*. Ela acredita que o tratamento *vossa mercê* tenha sido importado da Espanha¹, quando Portugal estava sob o jugo espanhol, e *ocê* seria apenas uma das inúmeras variantes que circulavam na Península Ibérica, coexistindo com *vossa mercê* ainda no século XVIII.

Dentre esses trabalhos sobre *vossa mercê*, cumpre destacar o de Said Ali (1976) que afirma que no século XIV a locução nominal *vossa mercê* ainda não havia se cristalizado como pronome, era usado como título honorífico, correspondendo à terceira pessoa do singular, embora se associasse aos pronomes da segunda pessoa como *vós* e *vosso*. Com a extensão do uso do pronome *vossa mercê* para os fidalgos é que tal forma adquiriu o *status* de tratamento.

Sabe-se que o pronome *ocê* se origina da forma de tratamento *vossa mercê*, tendo havido um estágio intermediário – *vosmecê* – que foi abandonado, segundo Câmara Júnior (1979, p. 94). Os estágios teriam se manifestado dessa forma: *vossa mercê* > *vosmecê* >

¹ Wilhelm (1979) faz a menção à forma “*vostram mercedem*”, oriunda do latim, que considera derivadora das variadas formas encontradas hoje no português.

você. Há outras propostas que, ainda, serão descritas aqui sobre os estágios históricos de *vossa mercê* a *você*.

Um deles é o de Lapa (1991) que aponta a forma pronominal de tratamento mais antiga do português como sendo *vossa mercê*, que apareceu nos fins do século XIV, como forma de tratamento ao rei. Ainda nesse período, devido a mudanças fonéticas e a perda de valores semânticos, essa forma foi substituída pelo pronome de tratamento *Vossa Alteza* que, por sua vez, mais tarde, foi substituída por *Vossa Senhoria*. O referido autor afirma que *vossa mercê* deu origem às formas *você/vocês* e, em Portugal, a forma pronominal de terceira pessoa do plural *vocês* substituiu o pronome de segunda pessoa do plural *vós*, considerado hoje como arcaico, de modo que, salvo no falar de algumas regiões (tais como a Beira e o Norte) onde se usa o *tu*, a segunda pessoa praticamente caiu em desuso, permanecendo apenas nas orações religiosas e maneiras de se dirigir a Deus; a forma de terceira pessoa do singular *você*, por ser considerada pouco respeitosa, normalmente é evitada, cedendo o seu lugar para a forma *vossemecê*. Ainda segundo Lapa, a essa forma *vossemecê*, usada em Portugal, correspondem as formas *vosmicê* e *vancê* usadas no Brasil, onde o item *você* é usado, de maneira generalizada, entre interlocutores que possuem certo grau de conhecimento e familiaridade e, por isso, é considerada como uma forma de tratamento familiar.

Menon (1995, p. 95), por sua vez, defende que, no processo de pronominalização da locução nominal *vossa mercê*, várias alterações em sua forma podem ser observadas, o pronome *vossa mercê* sofre uma série de mudanças fonéticas que tiveram como resultado a forma *você*.

Um marco histórico, quase sempre referência indicada nos trabalhos sobre pronome, é o estudo em que Faraco (1996, p. 64) declara que, no Brasil, a entrada dos pronomes *vossa mercê* e *você* se dá de uma forma um pouco diferente, uma vez que, quando os portugueses aqui chegaram a forma *vossa mercê* já não possuía mais seu caráter honorífico, e já era empregado, de forma generalizada, pelos portugueses que para cá vieram. E, ainda, que o *vós* já se encontrava em processo de arcaização.

Segundo esse autor, a distribuição de tratamento de acordo com a hierarquia pela qual passa Portugal, desde a sua formação, não afeta o Brasil, até a expansão do uso das Ordenações Filipinas² para as colônias portuguesas. O item *você*, por sua vez, forma usada em Portugal desde o século XVII, para alguns autores, entra no PB com os portugueses³. Faraco (*op. cit.*) sustenta que, no Brasil, *você* é o pronome comumente usado para o tratamento íntimo, ficando o *tu* restrito a certas variedades regionais.

A fim de entender as mudanças gramaticais ocorridas nas formas de tratamento do interlocutor em português, Faraco (1996) busca, através de uma abordagem diacrônica, reconstituir aspectos do ambiente sociocultural que desencadeou o surgimento de novas formas e acompanhar o desenvolvimento dessas formas até os dias atuais. Nesse estudo, inclui-se a evolução da forma de tratamento *vossa mercê*. Segundo o autor, embora não se baseando em dados precisos, é corrente a hipótese de que essa forma de tratamento, *vossa mercê*, surge, com valor honorífico, na Idade Média⁴, tendo a sua origem relacionada a duas das mais importantes instituições medievais – a mercê do rei (distribuição de justiça e proteção real) e o senhorio (poder feudal). Ao longo do tempo, essa forma passa a ser usada em sentido amplo, perdendo o seu valor honorífico para a forma *Vossa Alteza* (1477) e deixando completamente de ser usada com tal valor no final do século XV (1490). Após essa expansão do seu uso, a forma *vossa mercê* evolui em duas direções:

- (i) mantém sua integridade formal e seu valor honorífico num estilo cuidado entre a burguesia urbana, arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII;
- (ii) é afetada por um rápido processo de simplificação fonética do que resultaram os pronomes *você* e *você*s, de uso corrente do português atual.

² Lei Filipina de 1597, Reformulação do Direito de Portugal.

³ Há autores que apontam direções diferentes sobre o processo de surgimento do *você* no PB, como: LOPES e DUARTE (2003); VITRAL (1996); MENON (1995, 2006).

⁴ O seu primeiro registro escrito data de 1331 (FARACO, 1996, p. 67) ou em 1324 (MENON, 2006, p. 108).

Quanto a esse processo de simplificação, Faraco declara que, além das formas nele envolvidas citadas por alguns estudiosos (Nascentes, Lapa, Said Ali) e que seriam de uso urbano:

(4) *Vosmecê, vossemecê, vossecê, você, ocê, cê*

coexistiram outras formas, de uso rural – registradas por AMARAL (1955), que seriam:

(5) *Vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, vosmincê*

Essa bipartição, segundo o autor, seria por si só, uma evidência de que a evolução de *vossa mercê* em tantas direções se deve a fatores de ordem social e geográfica. Assim é que a forma *você*, por exemplo, é mal vista em algumas regiões rurais de Portugal.

Para Faraco (1996), há fatos que sugerem a possibilidade de esse processo de evolução ter estado correlacionado a aspectos de variação linguística social e geográfica, porque o item *você*, por exemplo, é uma forma que tem marca negativa em algumas regiões rurais de Portugal e, por isso, alguns linguistas supõem que essa forma teve origem urbana, possivelmente na fala informal da burguesia, enquanto a maioria das outras formas possui características rurais.

No Brasil, a forma *você* é, hoje, amplamente usada no tratamento íntimo e familiar ao lado da forma *tu*, que tem seu uso restrito a algumas regiões. Faraco (*op. cit.*) diz ainda que, mesmo não encontrando documentos comprovadores da razão desse largo uso da forma *você*, há dados que ajudam no processo de reconstrução hipotética desse fato. A partir dos fins do século XV, registra-se, em Portugal, o uso generalizado da forma *vossa mercê* e suas variantes pela população não aristocrática. Foram membros dessa população não aristocrática que vieram para o Brasil como colonos, no início da ocupação do país, nos meados do século XVI, quando a forma de tratamento *vós* estava se arcaizando e o processo de simplificação da forma *vossa mercê* já se encontrava em estágio avançado. E esses fatos permitem supor que o português trazido para o Brasil incluía as diferentes variantes da forma *vossa mercê* como forma de tratamento do interlocutor, muitas das quais ainda encontradas no dialeto caipira, do interior de São Paulo, descrito por Amaral (1955), no início deste século.

Faraco (1996, p. 21), além de mostrar como fatos socioculturais desencadeiam mudanças linguísticas, aponta fatos da história das formas de tratamento da língua, “mal entendidos” pelos gramáticos, que, equivocadamente, continuam a classificá-los como erros e a apresentar realidades do português arcaico como modelos a serem seguidos no ensino da forma padrão nas escolas. Nas palavras do autor:

Os gramáticos se comportam como se pudéssemos ignorar seis séculos de história, seis séculos em que a mudança nas formas de tratamento acabou resultando em grandes modificações dos paradigmas verbais e pronominais do português e, até mesmo, de alguns aspectos da estrutura sintática (FARACO, 1996, p. 21).

Na opinião de Faraco, entretanto, reconstruir de forma precisa a evolução da forma *vossa mercê* é difícil devido à insuficiência de dados; alguns pontos dessa evolução talvez possam ser recuperados por estudos dialetológicos e sociolinguísticos feitos onde o português é falado, principalmente nas comunidades rurais, mas a realização desses estudos está sendo dificultada devido à imigração e urbanização causadas pelas alterações no sistema tradicional da produção agrícola e da vida rural brasileira.

Este processo, no entanto, parece estar em curso. O português atual dispõe ainda das formas *cê* e *ocê* (que são bastante usuais no falar mineiro). A distribuição destas três formas – *você*, *ocê*, *cê* – não é idêntica, defende Vitral (1996, p. 117).

Dando continuidade aos relatos de pesquisas que investigam no português, diacronicamente, a forma pronominal *você*, apresenta-se o trabalho de Salles (2001). Esse pesquisador, ao investigar os pronomes de tratamento do interlocutor em documentos informais, produzidos por usuários do PB, cuja referência geográfica tenha sido São Paulo, no séc. XIX, constata que os tratamentos em segunda e terceira pessoas coexistiam lado a lado, sem que se pudesse vislumbrar nessa competição que uma dessas formas saísse vencedora. Para o pesquisador, o pronome de tratamento *você* documenta no séc. XIX uma etapa do percurso diacrônico da forma nominal *vossa mercê* (séc. XIV), identificando o fenômeno denominado gramaticalização. No caso específico do *você*, houve não só a perda do sentido original com o desenvolvimento de novos sentidos como também a redução fonológica da antiga forma.

A respeito disso, Menon (2000, p. 131-132) menciona que:

Temos, então, uma situação linguística que parece ter favorecido o desenvolvimento de uma forma diferenciada de tratamento, possibilitando um maior uso de *vosmecê* nas relações interpessoais, uma vez que aqui não existiam as condições que regulamentavam um uso mais rígido das formas honoríficas, sobretudo na corte. Mais preocupados em sobreviverem aos ataques dos índios e dos franceses ou holandeses, os primeiros habitantes e seus descendentes talvez não dispusessem dos mecanismos de conservação das formas mais polidas. É bom lembrar que entre outras coisas que faltavam no Brasil estava a inexistência de imprensa e que a única escolaridade naqueles primeiros tempos estava a cargo dos jesuítas, ministrada em língua geral até o início do século XVIII. Sem escolas para impingir normas e corrigir erros, sem imprensa para fixar visualmente padrões empregados na escrita, a língua poderia perfeitamente ter se modificado mais rapidamente que em Portugal no tocante ao uso de *vosmecê*, sobretudo na grande massa da população; no caso da elite, nobre, que podia mandar os filhos estudar em Portugal, se desenvolvia uma língua mais cuidada, inclusive produzindo literatura. Temos de lembrar ainda que se constituiu em terras brasileiras um relacionamento diverso do lusitano, por força da mão-de-obra escrava: a relação entre casa grande e senzala.

De maneira contrária à posição defendida por Faraco (1996) sobre o surgimento da forma *vossa mercê*, Lopes e Duarte (2003) datam o século XVIII como início do processo de pronominalização de *vossa mercê*, e o início do século XIX como a efetiva gramaticalização de *você*.

Cruzando os fatores tempo e tipo de relação social, as duas linguistas identificam o século XVIII como um momento em que *vossa mercê* e *você* não se diferenciam nos diálogos entre inferior/superior e superior/inferior em peças teatrais, o que é interpretado como indicativo de que ambas as formas de tratamento expressam cortesia/reverência, está, por isso, havendo estratificação, nos termos de Hopper (1991). Já na segunda metade do século XIX há diminuição de *vossa mercê* e, ao mesmo tempo, *você* passa a ocorrer não expresso, o que é interpretado pelas autoras como aquisição do estatuto de Nome – recategorização, nos termos de Hopper (1991). Já *vossa mercê*, não recategorizado, ainda se mantém como sujeito pleno. Com imperativo, o cenário é o mesmo. Outra evidência da recategorização do item *você* é o seu uso no plural, enquanto o pronome *vossa mercê* é preferido no singular. Em relação a situações de diálogo entre inferior/superior, no século XIX, *vossa mercê* é preferido, o

que indica a manutenção do caráter de reverência/cortesia. Já nos diálogos entre inferior/superior, o preferido é *você*, o que é uma indicação de especialização dos itens, ainda nos termos de Hopper (1991).

Em seu trabalho sobre variação/mudança da forma pronominal *você* em contraposição a *tu*, sua concorrente no português do Brasil, em um *corpus* diacrônico, constituído de textos do gênero epistolar e dos gêneros literários prosa de ficção e dramático, datados entre os meados do século XIX e os anos 40 do século XX, Teixeira (2002) dá ênfase especial às relações sociais que se estabelecem entre destinador e destinatário das mensagens, quer sejam elas mediadas pelo poder ou pela solidariedade.

Costuma-se afirmar, parafraseando Viaro (2005), que o PB, bem como o português dos falantes da África e da Ásia, remonta a um português quinhentista e não são poucos os esforços em reconstruí-lo. Mas para saber que língua veio ao Brasil é preciso ter em mente as contínuas levas do século XVI e XIX. É também sabido, continua o etimólogo, que não há uniformidade nos diversos lugares do mundo em que se fala português e, nesse empreendimento, os falares crioulos são interessantes.

Por sua vez, Viaro (2005, p. 222) faz especulações e levanta hipóteses, como:

É difícil provar que algumas variantes se derivam de outras [...] Não seria estranho imaginar migrações das colônias asiáticas para o Brasil, quando foram perdidas para os holandeses, trazendo formas como *ocê* para cá. [...] Alguns basiletos brasileiros podem ter origem em idioletos de africanos trazidos para o Brasil, bem como de pessoas com algum prestígio, provenientes da Ásia, deixando vestígios assistemáticos (a aférese $v > \emptyset$ de *ocê* não ocorre com outras palavras no PB como ocorre no CPI⁵). Só com mais pesquisa sobre migração e demografia é possível esclarecer fatos, por meio de explicações policausais.

A coexistência de vários fenômenos comuns, para o pesquisador citado, tanto ao PB como às diversas variedades do português, africano e asiático, fazem surgir diversas hipóteses que são, na verdade, pressupostos de muitas teorias.

⁵ Crioulos indo-portugueses.

Menon (2006, p. 104) afirma que no português arcaico, *mercê* é um substantivo comum, como tantos outros. Do gênero gramatical feminino, tinha o significado básico de “favor, graça, benesse”. Porém, tinha uma significação positiva e uma negativa: quando se recebia algo do rei, era positivo; no entanto, ao mesmo tempo, ficava sob o domínio e vontade desse mesmo rei; era o lado negativo do benefício. E os reis sabiam cobrar. Mas não era somente o rei que podia distribuir mercês: também as divindades – Deus, Nossa Senhora, Jesus – o faziam. Porém, parece que, depois que esse substantivo ficou ligado ao tratamento ao rei passou-se a usar mais “graça(s)” para os benefícios religiosos recebidos.

Em relação ao primeiro uso de “*a vossa mercê*”, Menon (2006, p. 108) contesta, por ter encontrado exemplos mais antigos que os mencionados por Luz (1956). Segundo a linguista:

[...] em um dos textos da coletânea de documentos relativos à cidade de Évora (com datação da “Era de 1324. Anno 1280.”, concordata entre El-Rei Dom Dinis e o Concelho d’Évora⁶, encontramos 09 ocorrências de merece (com o verbo pedir por merece e já com a forma de verbo ‘suporte’ pedir merece) e 2 de vos(s)a merecê.

De acordo com Menon (2006, p. 114), *vossa mercê* (forma já gramaticalizada como tratamento honorífico) não é empregado somente para se dirigir ao rei. O texto é de uma carta do Bispo D. Garcia de Menezes, dirigida ao “Senhor Secretário” (provavelmente secretário do rei):

(6) “Senhor. Huma carta vossa me foi dada a que não respondo mais cedo com fadigas de doença, e assy lhe tenho muito em mercê o que me diz na sua carta [...] e quanto he o que vossa mercê diz que eu tenho levado mais do que havia de levar [...]”⁷

Menon (2006, p. 122) estabelece um roteiro, como tentativa de reconstituir o percurso de vulgarização do emprego da locução nominal *vossa mercê*, a partir de uma segunda interpretação social que começa a se difundir o uso que vai levar a forma a dois destinos diversos, mas complementares:

⁶ PEREIRA, 1998 p. 32-34 [42-44].

⁷ Idem, p. 85 [297], XLIII (Carta do Bispo D. Garcia de Menezes, 1463).

a) passa a ser forma exigida pelos escalões superiores da hierarquia da corte aos seus imediatamente subordinados;

b) o uso “escapa” do círculo da nobreza mais ligada à corte e passa à nobreza mais distanciada (rural ?) ou aos senhores de domínios que, por sua vez, passam a exigir esse tratamento dos que não são nobres;

c) aqueles que não são nobres, mas dispõem de dinheiro também querem ter o seu quinhão de dignidade e exigem de empregados ou outras pessoas com quem mantenham contato e/ou comércio o seu *vossa mercê* ...

No estudo que faz sobre a “História do *você*”, Menon (2006, p. 123-125) verifica que, no séc. XVI, qualquer um que tem um quê a mais, passa a ter o seu *vossa/sua mercê*. O pronome se vulgariza, passando de honorífico a comum, de comum a vulgar. Com tanta massificação, o segundo destino da locução nominal, os reis rejeitam a *mercê* (o primeiro destino) e instauram a *Majestade*⁸.

De acordo com os dados apresentados por Menon (2006, p. 129-130), até prova em contrário:

[...] é na obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), ‘Feira de Anexins’, que aparece, pela primeira vez o novo pronome, grafado *vossês*. Apesar de essa obra não ter sido publicada em vida do autor⁹, ela foi composta no séc. XVII. Assim, remontamos em um século o uso do novo pronome de segunda pessoa do plural, pois segundo afirmação de Biderman (1972-73), é no séc. XVIII que o vós estaria arcaizado.

Em um trabalho mais recente que a maioria dos citados nesta seção, Chaves (2006) investiga, no PB, a implementação da forma *você* como pronome presente de segunda pessoa, identificando etapas do processo que tem *vossa mercê* como ponto de partida e *você* como ponto de chegada. Através de uma abordagem social e históri-

⁸ “Sobrevivem ainda a Senhoria e a Alteza. Cria-se a Excelência (Lei Filipina de 1597), que vai ser, posteriormente, no séc. XVIII a catapulta para outra revolução social, como foi a do Senhorio no período arcaico [...] A excelência, com a expansão do uso concedida pela lei de 1739, passa a ser um marcador social tão importante como a construção do escudo da família ou o título ou o cargo recebido. É a marca lingüística da diferença social” (MENON, 2006, p. 125).

⁹ “Obra publicada, pela primeira vez, em 1875, em edição organizada por Inocêncio Francisco da Silva, terá uma nova edição em 1916, idêntica à primeira, salvo no que toca a algumas coisas da introdução do organizador” (MENON, 2006, p. 129-130).

ca da língua, na modalidade escrita, identifica os contextos de uso, classifica-os conforme o grau de simetria das relações pessoais efetivadas. É um estudo que prioriza a escrita, pois o *corpus* se compõe de cartas particulares escritas de 1800 a 1954. Originalmente, é um estudo sobre o uso das abreviaturas, buscando-se identificar sua sistematicidade. Foram inventariadas as normas, a história e os usos das abreviaturas. Segundo a pesquisadora, as abreviaturas evoluem no eixo do tempo por não serem indiferentes às transformações que afetam o item.

E, além disso, Chaves se propõe a fazer uma comparação entre as etapas do processo de gramaticalização do pronome *vossa mercê* na forma *você* e as diferentes formas de abreviar esses itens. Com esta pesquisa, delimitou-se a segunda metade do séc. XIX como sendo a data das alterações do pronome de tratamento *vossa mercê* no processo de gramaticalização. A partir disso, a linguista conclui que, através dos estudos variacionistas, além da fonética e da sintaxe, é possível contemplar as formas gráficas.

Tentou-se, aqui, descortinar um panorama de estudos e investigações sobre o pronome *você*, sobretudo enfocando-se a origem e a evolução histórica dos itens *vossa mercê* > *você*. Acredita-se na relevância deste trabalho, com o intuito de contribuir para a compreensão melhor ainda de outros estudos que privilegiam o enfoque sincrônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1955.
- BASTO, Cláudio. Formas de tratamento em português. In: *Revista Lusitana*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1931, v. 29, p. 183-202.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. In: *Alfa*: Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972-1973, n. 18-19, p. 339-381.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

_____. *Sobre as formas de tratamento na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1986.

FARACO, Carlos A. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. 13. ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. USP, 2008, 349f. Tese de doutorado em linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C., HEINE, Bernard. (Eds.). *Approaches to grammaticalizations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

LAPA, Manuel R. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fontes, 1897-1991.

LOPES, Célia R. S., DUARTE, Maria Eugênia L. O processo evolutivo vossa mercê > você (português) e vuestra merced > usted (espanhol). In: ABRALIN, 26, 2001. *Boletim ABRALIN*, 2001, p. 106-109.

_____. *O quadro dos pronomes pessoais*. Rio de Janeiro [manuscrito], 2003a.

_____. Vossa mercê > você e vuestra merced > usted: o percurso evolutivo ibérico. Linguística, *ALFAL*, v. 14, 2003b.

_____. De vossa mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia F., MOTA, Maria Antônia (Orgs.). *A-*

nálise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos. Rio de Janeiro: in-fólio, 2003c, p. 61-76.

_____. *Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX.* Comunicação apresentada no V Seminário do PHPB. Ouro Preto (MG): UFOP/UFMG, 2004.

LUFT, Celso P. Tratamento depreciativo. In: *Revista Brasileira de Filologia.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, v. 3, tomo II, 1957, p. 193-207.

MENON, Odete P. S. *Analyse sociolinguistique de l'indetermination de sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP.* 1994. Thèse (Doctorat), Université Paris VII, Paris.

_____. O sistema pronominal no português do Brasil. In: *Revista Letras.* Curitiba: 1995, nº 44, p. 91-106.

_____. O sistema pronominal na região sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL.* João Pessoa: ANPOLL, 1996a, p. 510-512.

_____. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. *Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996b, p. 101-116.

_____. Seu, de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, Dermeval (org.). *Diversidade linguística no Brasil.* João Pessoa: Ideia, 1997.

_____. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu / você / o senhor em Vinhas da Ira. In: *Letras de Hoje.* Porto Alegre: PUCRS, 2000, v. 35, nº 1, p. 121-164.

_____. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade, MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas.* Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.

NASCENTES, Antenor. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. *Revista Portuguesa de Filologia.* Coimbra: Casa do Castelo, 1950, v. III, t. I e II, 21 p.

_____. O tratamento de você no Brasil. In: *Letras.* Curitiba: UFPR, v. 6, n. 05, p. 114-122, 1956.

SAID ALI, Manuel. De “eu” e “tu” a majestade: tratamento de familiaridade e reverência. In: *Revista da Cultura*, 129. Rio de Janeiro, 1937, v. 5, p. 275.

_____. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1950.

_____. De eu e tu a majestade: tratamentos de familiaridade e reverência. In: *Investigações filológicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

PEREIRA, G. *Documentos históricos da cidade de Évora*. Edição fac-similada de 1885-1891, cota C961, da Biblioteca da Évora. Lisboa: INCM, 1998.

PLA CÁRCERES, José. La evolución del tratamiento “vuestra merced”. *Revista de Filología Española*. Madrid, 1923, v. X, p. 245-280; 402-403.

SALLES, Miguel. *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica*. USP, 2001, 246f. Tese de doutorado em filologia e língua portuguesa. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo. *Era uma vez você*. 2002. Tese de doutorado em Letras. Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VIARO, Mário E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luiz Antônio da (Org.) *Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005, p. 211-247.

VITRAL, Lorenzo. A forma cê e a noção de gramaticalização. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, n. 5, v. 1, p. 115-124.

WILHELM, Eberhard Axel. *Pronomes de distância do português atual em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979.